



Jards Macalé, artista multifacetado

Lia Duarte Mota¹

PUC-Rio

liadumo@gmail.com

Resumo: Jards Macalé é um artista que fez parte de um grupo e geração que movimentou o pensamento, as artes e o modo de viver, no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970 e que continua produzindo atualmente. Além de ser considerado um artista marginal, no sentido de que se colocou à margem da produção musical, e ter seu nome sempre associado à ideia do artista maldito, tem também uma relação diferente com sua música. A feitura de suas canções parece apresentar uma preocupação outra que não somente o arranjo, letra e melodia. Há, na obra musical de Jards Macalé, uma preocupação para além da narrativa das letras. Há a incorporação da canção, como se houvesse em suas interpretações a intenção não de um cantor, mas de um artista que encara sua produção musical vinculada às artes plásticas e ao cinema. Nas apresentações de Jards Macalé há uma presença que não se dá apenas como corpo de um cantor no palco, mas um corpo que se relaciona direta e visualmente com a canção cantada. Dessa forma, a proposta desse texto é pensar o artista em diálogo com diferentes artes na tentativa de demonstrar uma forma de atuação potente capaz de marcar a cena cultural brasileira.

Palavras-chave: Jards Macalé – corpo – canção – presença – cultura

Abstract: Jards Macalé is an artist who was part of a group and generation whom moved the thought, the art and the way of living in the 1960s and 1970s in Brazil, and is still producing until today. In addition to being considered a marginal artist, in the sense that he put himself on border of music production, and have his name forever associated with the damned artist idea, he has also a different relationship with his music. The way he made his songs seems to have a concern with other than only the

¹ Lia Duarte Mota é professora do curso de extensão Escritas performáticas do CCE/ PUC-RIO. Doutora em Literatura, cultura e contemporaneidade, pelo programa de Pós-Graduação da PUC-Rio. Mestre em Teoria de Literatura, pela PUC-Rio. Licenciada em Português e Espanhol pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Publicou os capítulos “Jards Macunaímico” no livro *Diálogo entre Literatura e Outras Artes* (Cáceres-MT: UNIMAT Editora, 2014) e “Plínio Marcos: faces de um personagem marginal” no livro *Modos da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira* (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015).

arrangement, lyrics and melody. There is, in Jards Macalé's work, a concern beyond the narrative of the lyrics. There is the incorporation of the song, as there is in his acting the intention not of a singer but an artist who sees his work linked to visual arts and cinema. In Jards Macalé's presentations there is a presence that does not happen just as a singer body on the stage, but a body that relates directly and visually with the song. Thus, the purpose of this text is to put the artist in dialogue with different arts in an attempt to demonstrate a powerful performance, capable of mark the Brazilian cultural scene.

Keywords: Jards Macalé – body – song – presence – culture



Introdução

Para Jards Macalé, a música está relacionada a outras linguagens artísticas, como o cinema e as artes visuais. Assim, quando compôs as canções que estariam presentes no filme *Amuleto de Ogum* (1974), de Nelson Pereira dos Santos, o artista deixou-se afetar pelo ambiente no qual o filme se realizava. Macalé explica seu modo de criação:

Filmamos no trem uma sequência em que matam alguém, um bicheiro, e aí eu comecei a gravar o ruído dos trilhos (imita), tinha um ritmo. Quando parou, eu fui conversar com o maquinista e vi que ele era uma espécie de músico, que ele produzia ruídos no trem e se divertia com isso. "Se eu não me divertir 24 horas aqui eu enlouqueço", ele disse, e me mostrou vários barulhos. Tem o coração do trem, os ruídos do trem parando, a respiração (vai imitando um por um), o apito... Então eu gravei isso tudo em partes separadas, montei uma bateria no estúdio de cinema, chamei o Edison Machado... (Macalé)

Em setembro de 2012, no show *Melodia e Macalé – Maravilhas da Música Moderna*, no Circo Voador, Rio de Janeiro, o artista não era apenas um cantor no palco, era um personagem. Diferente do vídeo que o artista fez para o espetáculo *Sinfonia de Jards*, com o Grupo Oficina, apresentado apenas duas noites em São Paulo, em outubro de 2011, em que aparecia vestido de batman, de coringa, de malandro, no show do Circo Voador, ele vestia calça e camisa. Nenhuma estampa, nenhum excesso na vestimenta, nenhuma maquiagem. O banco colocado no palco não o continha. A banda imprimia novos sons ao seu repertório. Bateria e dupla de metais, além da guitarra, baixo e o já conhecido violão enchiam o espaço de som. A voz do artista mantinha a experimentação que a marca. Rouquidão, desafino, gritos e outras tantas e inenarráveis reações. A voz era utilizada como um instrumento que complementava os outros instrumentos. Complementava a letra da música.



Ao rememorar a canção “Gothan City”, ele pediu que o público o vaiasse, como ocorreu no Festival da Canção de 1969, quando espalhou morcegos de papel e foi vaiado no palco. Maneira de retomar um momento passado, buscando nele outras forças que o tornem pertinente. Maneira de construir seu personagem. Jards Macalé quer ser rebelde. E vive de experimentar com toda a sua obra, experimentar-se. “Groove, man, groove, Macalé, Macao, ao ápice: experimentar é tão fácil – não o é, assumir o experimental” (Oiticica “Macalé, groove, Lee, revelado”). Sendo ator, intérprete, músico, sendo um inventor, Jards utiliza o corpo inteiro. Seu corpo também constrói o discurso que o posiciona no espaço não definível do atual.

Estar presente

Jards Macalé inicia sua carreira musical com o lançamento do compacto *Só morto*, em 1969. Além deste, fazem parte de sua discografia, *Jards Macalé* (1972), *O Banquete dos Mendigos* (1974), com a participação de artistas variados, *Jards Macalé apresenta a Linha da Morbeza Romântica em Aprender a Nadar* (1974), *Contrastes* (1977), *Rio sem Tom*, *Blues Suede Shoes* (1987), *Quatro Batutas e um Curinga* (1987), *Ismael Silva – Peçam Bis* (1988), com Dalva Torres, *Let’s Play That* (1994), com Naná Vasconcelos, *O Q Faço é Música*, (1998), *Macalé canta Moreira* (2001), *Amor, Ordem e Progresso* (2003), *Real Grandeza* (2005), *Macao* (2007) e *Jards* (2011).

Desde o início de sua carreira, conviveu e trabalhou com artistas das mais variadas áreas, tecendo uma rede de companhias e de entradas artísticas variadas. Além de se relacionar com os principais músicos brasileiros, tanto seus predecessores e professores eruditos, tais como Turívio dos Santos, Guerra Peixe, Esther Scliar, passando pelo violão de João Gilberto, até os nomes de sua geração, Caetano Veloso, Gilberto Gil,



Gal Costa e Maria Bethânia, foi companheiro de composição dos poetas Waly Salomão, Torquato Neto e José Carlos Capinan. Com Nelson Pereira dos Santos, fez a trilha sonora, além de participar como ator, de *Amuleto de Ogum*, com Glauber Rocha fez a transcrição das canções do piano para o violão de *O dragão da maldade contra o santo guerreiro*, e com Joaquim Pedro de Andrade fez a trilha sonora de *Macunaíma* e atuou em *Tenda dos milagres*. Relacionou-se, ainda, com os artistas plásticos Hélio Oiticica e Lygia Clark. Nessa época, fez também a direção musical do disco *Transa* de Caetano Veloso (1971), participou dos arranjos do disco *Legal* de Gal Costa (1970), produziu o show “Cangaceiro” de Maria Bethânia (1966) e o espetáculo “Direitos Humanos no Banquete dos Mendigos”, show e disco comemorativo do 25º aniversário da Declaração dos Direitos Humanos, realizado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM), em 10 de dezembro de 1973.

Em 2012 foi tema do documentário *Jards* de Eryk Rocha. Nos dias 26 e 27 de novembro de 2011, estreou, em São Paulo, o espetáculo “Sinfonia de Jards Macalé – meditação pela cosmobaba”, definido como um “cineshow-experiência: espetáculo interdisciplinar-multimídia: linguagem em performance”. Em 2010, além do documentário *Jards Macalé – Um morcego na porta principal*, de João Pimentel e Marcos Abujamra, o artista fez uma reedição da proposição criada por Lygia Clark, “Baba Antropofágica”, de 1973. Durante esse período, também fez muitos shows e concedeu diversas entrevistas. Por suas diversas atuações é possível nomeá-lo um artista multifacetado.

O foco de sua produção não está nem apenas na composição de sua música, nem apenas na elaboração de um disco. Ele define esse modo de criação como invenção, compactuando e propagando uma proposta de



Hélio Oiticica. Na entrevista para o programa *Ladeira Metálica* de 2010, ele explica:

Ali estávamos em estado de invenção, buscando sempre, não inovar nada, mas buscar, dentro de nós como artistas, a invenção. Ficar em estado de invenção criativa o tempo inteiro. [...] Buscávamos [Jards e Waly] também no nosso trabalho o sair do óbvio, sair do igual de tudo, mas buscamos a invenção. Uma viagem, uma aventura na arte, fora dos parâmetros do normal e sem aspas também (Macalé).

Em 1974, o ainda maldito Jards Macalé faz um disco de canções românticas. *Jards Macalé apresenta a linha da morbeza romântica em Aprender a Nadar* não era apenas a possibilidade de sucesso após o fracasso do primeiro disco. Era uma proposta de inovação estética, de releitura de antigas canções, de arranjos orquestrais. Segundo o artista:

Com a morbeza romântica, Waly e eu quisemos entrar até o fundo disso para sairmos renovados, mais simples e alegres. Mergulhados então em nossa herança europeia de humor e malícia, até chegarmos a um ponto zero de linguagem e recomeçarmos tudo (Macalé *Ladeira Metálica*).

A concepção artística de Jards Macalé parece ter sempre buscado um ambiente expandido, no sentido de se vincular, se influenciar, se deixar ser mais do que uma forma artística musical. O foco de sua produção não está nem apenas na composição de sua música, nem apenas na elaboração do disco. A narrativa musical desenvolvida em *Jards Macalé apresenta a linha da morbeza romântica em Aprender a Nadar* transcreve-se para a capa e contracapa² –a arte visual– e dela para o corpo do artista e para o espaço físico que recebe o espetáculo do seu show.

Como é possível perceber, não pretendo analisar o trabalho de Jards Macalé apenas por meio das letras, estruturas rítmicas, melódicas e

² O disco foi dedicado a Hélio Oiticica e Lygia Clark.

harmônicas de suas músicas. Seria deixar de lado suas linhas de fuga, suas insinuações, seria deixar de lado o próprio corpo do artista. Ao compor, o músico propõe uma linguagem musical que se relaciona com o timbre da voz, com a expressão corporal, de forma que deve ser pensada como congregação de todos esses aspectos. Há, obviamente, na intenção do artista agir sobre, criar com, provocar um efeito no ouvinte/ espectador. As canções não poderiam nunca ser usadas como “sons ambientes” tocados nas salas de espera ou nos ônibus, pois elas pretendem desestabilizar o ouvinte, retirando-o de um estado neutro.

Em “Senhor dos sábados”, uma parceria de Jards Macalé e Waly Sailormoon, o artista revisita antigas baladas românticas, retomando os passionais das mesmas, e acentua a dramaticidade de um sujeito apaixonado e abandonado por meio de repetições e de sucessivas imagens que, reunidas e associadas ao título, acabam por ironizar o próprio sentimento.

Noites
Noites em claro
Noites em claro não matam ninguém
Mas é claro, perdi a razão
Gritei seu nome por toda a parte
Do edifício em vão
Quebrei vidraças da casa
Estilhaços de vidro espatifados no chão
Risquei paredes do apartamento
Com frases roucas de paixão
Ah que noite mas nochera
Ah que noite mas ...
Dentro da escuridão do quarto
Rasguei no dente seu retrato
Minha alma ardia, meu bem. (Macalé & Sailormoon “Senhor dos sábados”)

O arranjo acompanha a voz, sugerindo exatamente as mesmas intenções. Dessa forma, se o início da canção incorpora toda a



dramaticidade das “baladas” românticas, quando entram os versos finais, “representamos todos de improviso, um sorriso, um castigo, o retrato de uma dor”, que não aparecem como parte da letra da música, fica evidente o tom zombador. Afinal, os artistas se retiram da narrativa, como se fossem apenas atores representando uma peça. Toda a lamúria se torna ilusão teatral.

Em 2008, Jards Macalé decide gravar “Corcovado” de Tom Jobim. Em suas apresentações atuais, se já não há máscaras, barcas e morcegos, há uma nova compreensão de suas canções, uma releitura de qualquer canção. Ele explica que é um trabalho de depurar, descobrir coisas, ver de vários ângulos e formas. A música não é estática. Quando decidiu gravar “Corcovado”, de Tom Jobim, Macalé assistiu ao vídeo de João Gilberto no Youtube, aprendendo a tocá-la exatamente como este. Posteriormente, acrescentou a sua forma de tocar, “destacando notas, divisão, comecei a cortar, editar a música. Limpei algumas palavras” (Macalé *Ladeira Metálica*).

Já em 1987, o artista foi preso em Vitória/ ES, quando lá se encontrava para fazer um show com Moreira da Silva. Desse episódio, resulta a única parceria musical dos dois artistas, o samba “Tira os óculos e recolhe o homem”, que narra desde a chegada dos policiais no quarto do hotel até o momento em que o artista é solto. Segundo a narrativa, o delegado mal-humorado diz: “tira os óculos e recolhe o homem”. Nesse momento da canção, todos os instrumentos cessam e o músico incorpora o delegado, enumerando, com voz grave, os procedimentos da prisão:

Fecha o cadeado,
incomunicabilidade com ele.
Ficha, tira o retratinho,
18 por 24, bota a data,
O número embaixo. (Macalé & Moreira “Tira os óculos e recolhe o homem”)



Em seguida, os instrumentos retornam com versos que ironizam todo o episódio e a própria instituição presidiária:

Fui carregado e no cadafalso,
O meu quartinho parecia
O protótipo de um conjugado
water closet, quelque chouse.
Apelei pelo Moreira,
minhas mães, meus orixás,
De frente veio Ogum,
com ele, Oxossi e Oxalá. (Macalé & Moreira “Tira os óculos e recolhe o homem”)

Tais exemplos permitem afirmar que seu trabalho tinha intenções políticas porque propunha novas maneiras de estar no mundo. Jards Macalé faz parte de um grupo de artistas que reconhece que não é apenas na força da palavra que se modifica o espaço em que se está inserido. É possível fazê-lo de outras maneiras. E, ao modificar o espaço, ao romper barreiras, produz-se novos espaços, novos pensamentos, novas obras, novas relações.

Afinal, nas suas entrevistas fica claro que suas histórias passam por temas diversos, pois se envolveu e se relacionou com pessoas variadas, e, ainda assim, não carregam uma reflexão profunda e detalhada do problema abordado. Não há um profundo debate cultural e político na fala de Jards Macalé, pois seu discurso é feito no/pelo/com o corpo. Nas suas ações, nos seus gestos, está o discurso, está o seu modo contestador.

Em fevereiro de 2013, Jards Macalé foi ao prédio do antigo Museu do Índio, ocupado por diferentes tribos indígenas desde 2006, nos arredores do estádio do Maracanã. Vestia camisa florida e all star vermelho. Na época, a prefeitura da cidade tinha cercado o local com o argumento de que derrubaria o imóvel para construir um estacionamento para o estádio. O prédio data de 1862. O governo estadual recuou diante da pressão da



população, de artistas, intelectuais, apoiadores, dos próprios índios, mas queriam que os índios saíssem. O clima era tenso e incerto.

No dia de sua apresentação, havia apenas um banco, duas caixas de retorno, dois microfones. O prédio estava destruído, com o teto caído, janelas sem vidro. O artista cumprimentou o pouco público sentado no chão e tocou vários sambas de autorias diversas. Não disse nada, não discursou sobre a situação, não explicou a razão de sua presença ali. Mas fez as pessoas cantarem com ele. Passados 40 minutos, agradeceu e se levantou.

Essa forma de presença praticada por Jards Macalé se aproxima do conceito de presença, proposto por Hans Ulrich Gumbrecht, em *Elogio da beleza estética* (2007), *Produção de presença* (2010) e *Graciosidade e Estagnação* (2012). Segundo o autor, “a presença não está relacionada ao tempo, mas a seu sentido espacial” (Gumbrecht *Graciosidade e Estagnação* 117). Ela se dá na relação de distância com os objetos. Não é uma forma de atribuição de sentido. Esta seria a interpretação, que é colocada em oposição à presença. O corpo que se relaciona com o espaço produz presença.

Conclusão

Jards Macalé é um compositor que não se prende a uma única forma de expressão. Movimenta-se e, quando o faz, joga³ com os limites. Não somente os limites dos suportes e dos registros, mas também os limites da própria forma artística. Estende as possibilidades do fazer e do sentir a obra de arte. Questiona relações: da obra com o mundo, do artista com o espectador. Joga com informações e relações. As relações entre as obras,

³ Para Hélio Oitica, o jogo é “elemento aberto e fundamental da arte” (Oitica apud Coelho *Margens* 89). Para Hans Ulrich Gumbrecht, o jogo lida com “ausência de motivações, distância das intenções e objetivos do mundo cotidiano” (Gumbrecht *Graciosidade e Estagnação* 106).



entre as coisas do mundo, entre os pares e também os ímpares. Amplia suas referências ao se relacionar com o mais variado núcleo de pessoas. Compartilha pensamentos, cria obras conjuntas. Permite tentativas, colagens e citações.

É um artista que considera o fazer artístico um processo de invenção. Nele, há a chance de a obra não ser concluída, ela pode permanecer em progresso. Se Jards Macalé gosta de reproduzir alguns acontecimentos, como as vaías do festival de 1969, com o intuito de gerar novos sentidos, ele também está a todo momento rearranjando suas canções, descobrindo novas possibilidades sonoras.

Desse modo, o artista extrapola os limites de sua arte sem abrir mão da sua forma de expressão. A arte é uma forma de presença no mundo. É invenção, porque arte e vida são indissociáveis, não porque dados biográficos devam se apresentar claramente na obra, não porque toda obra é uma representação da natureza, logo, da vida. Mas, porque estar no mundo é experimentá-lo.

Bibliografia

Livros

Coelho, Frederico. "Vigília". Apresentação e transcrição de Frederico Oliveira Coelho. *Margens: Revista de Cultura* 8 (2006): 88-99.

Gumbrecht, Hans Ulrich. *Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

---. *Produção de presença*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.

---. *Graciosidade e estagnação: ensaios escolhidos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2012.



Oiticica, Hélio. "Ivan Cardoso entrevista Hélio Oitica". *Ivampirismo: O cinema em pânico*. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América - Fundação do Cinema Brasileiro, 1990. 67-81.

---. "Macalé, groove, Lee, revelado". *Programa Itaú Cultural: Programa Hélio Oiticica - Projeto Hélio Oitica*. Web: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/home/dsp_home.cfm Acesso: 30/07/ 2013.

Pimentel, João. *Álbum de retratos - Jards Macalé*. Rio de Janeiro: Memória Visual: Folha Seca: 2007.

Entrevistas

Macalé, Jards. "Entrevista". *Rolling Stones* 44 (2010). Web: <http://www.rollingstone.com.br/edicoes/44/textos/4259/> Acesso: 24/06/ 2011.

---. "Cuidado! Há um Jards Macalé na porta principal!". *Freakium* 7. Web: http://www.freakium.com/edicao7_macale.htm. Acesso: 24/06/2011.

---. "Entrevista". Web: <http://fenearte.org/2011/01/07/entrevista-jards-macale/> Acesso: 24/06/ 2011.

Discos

Macalé, Jards. *Jards Macalé*. Rio de Janeiro: Philips, 1972.

Macalé, Jards, Waly Sailormoon. *Jards Macalé apresenta a linha da morbeza romântica em Aprender a Nadar*. Rio de Janeiro: Philips, 1974.

Macalé, Jards, Moreira da Silva. *Macalé canta Moreira*. Rio de Janeiro: Lua Nova, 2001.

Vídeos

Jards Macalé - um morcego na porta principal. Direção: Marco Abujamra e João Pimentel. Rio de Janeiro: Dona Rosa Filmes, 2008. 1 DVD (71 min), son., color.

Jards. Direção: Eryk Rocha. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, Canal Brasil, Aruac Produções, Itaú Cultural, 2012, 1 DVD, son., color e P&B.



Macalé, Jards. “Estranho mundo de Zé do Caixão”. *Canal Brasil*. Rio de Janeiro: episódio 101, temporada 2011.

---. *Ladeira Metálica*. Concedida a Lu de Laurentiz. Web: <http://www.youtube.com/watch?v=i7oBIRLgpS8> Acesso: 27/06/2012.

---. “Ensaio”. *TV Cultura*. São Paulo. Web: http://www.youtube.com/watch?v=JdhNm_3j4Ug&list=FLFSxFsZPZHGaMr5YPpeCTgg&index=32&feature=plpp_video Acesso: 28/06/2012.

---. “Matador de passarinho”, programa de Rogério Skylab, *Canal Brasil*. Rio de Janeiro, 28 jun. 2013.